

PATRÍCIA LESSA SEPARATA

CRISTINA MARIA ROSA
ORGANIZADORA



ESCRITAS BIOGRÁFICAS:
PROFESSORAS E PROFESSORES

@Cristina Maria Rosa, 2025

Título: Escritas Biográficas: professoras e professores

Projeto: Cristina Maria Rosa

Prefácio: Maria Isabel da Cunha

Projeto Editorial: @piccolaeditrice.br.

Aquarela na Capa: Raquel Casanova dos Santos Wrege

Arte da Capa e revisão projeto gráfico: Felipe da Silva Rodrigues

Revisão textual: Ieda Kurtz

De acordo com o AOLP

ISBN: 978- 65- 01- 60121- 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escritas biográficas : professoras e professores /
organização Cristina Maria Rosa ; ilustração
Raquel Casanova dos Santos Wrege. -- 1. ed. --
Bento Gonçalves, RS : Ed dos Autores, 2025.

Vários autores.
ISBN 978-65-01-60121-2

1. Formação docente - Metodologias ativas
2. Professores - Biografia 3. Professores -
Depoimentos 4. Professores - Relatos I. Rosa,
Cristina Maria. II. Wrege, Raquel Casanova dos
Santos.

25-288358

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Relatos de experiências pedagógicas :
Educação 370

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

Prefácio **Maria Isabel da Cunha**

Uma provocação **Cristina Maria Rosa**

ESCRITAS BIOGRÁFICAS: PROFESSORAS E PROFESSORES

- 19 **Dançando o pezinho no Japão: uma professora em formação**
Adriana Schüler Cavalli
- 23 **De *O homem que calculava* ao professor que ensina matemática: construção da docência de um formador de professores**
Antonio Maurício Medeiros Alves
- 27 **Docência literária**
Aparecida Paiva
- 31 **O nascimento de tigres-de-bengala**
Carine Dahl Corcini
- 37 **O caminho**
Carmen Ferreira
- 41 **Um enatuar de sentidos**
Cinara Ourique do Nascimento
- 47 **Ora professora, ora bruxa: o encanto no fazer docente**
Cristiane Mascarenhas
- 51 **No futuro**
Cristina Maria Rosa
- 55 **Ser professora: minha c+asa**
Dulcimarta Lino
- 59 **Dos números às palavras: a trajetória de uma professora de português**
Ellem Rudijane Moraes de Borba
- 63 **O início de uma trajetória: do voluntariado à titularidade**
Estefânia Alves Konrad
- 67 **Biografia acadêmica: um professor de História Antiga da UFPel**
Fábio Vergara Cerqueira

- 73 **O que arde em mim como chama...**
Fernanda Rizzon de Vargas
- 77 **O que vais ser quando cresceres?**
Francisco dos Santos Kieling
- 83 **Biografia: eu professora**
Gilvana Coelho Penedo
- 85 **Como ser uma professora-fada: o encantamento e a docência**
Gisele Rodrigues Soares Wotroba
- 89 **Professor não desiste!**
Guilherme Guiraldelli Moreira
- 93 **Um caminho de experiências que leva à docência**
Heloisa Helena Duval de Azevedo
- 97 **Memórias de um “menino de escola”**
Hércules Tolêdo Corrêa
- 101 **Do sonho ao reconhecimento profissional**
Ieda Kurtz
- 105 **Como nasce uma professora**
Katia Iara de Oliveira Schneider
- 109 **Passageiro do tempo**
Leonardo Capra
- 113 **A arte de ensinar e aprender a ser professora**
Lilian Lorenzato Rodriguez
- 117 **Professora: um sonho pleno e intensamente vivido!**
Lourdes Joana Da Ros
- 121 **Uma carta**
Maria das Graças Pinto
- 127 **Os atravessamentos da docência em minha vida**
Mariana Motta Klein
- 131 **Ser professora: tijolo por tijolo, num desenho mágico**
Marília Forgearini Nunes
- 135 **Poesia, cortinas fechadas e música: uma psicóloga em formação**
Marlise Flório Real
- 139 **Quem está ali de batina preta? O padre!**
Marlise Flório Real

- 141 **Um verão onde o medo perdeu para a coragem**
Pâmela dos Santos
- 145 **Brincadeira é coisa séria!**
Patrícia Lessa
- 149 **Entre cadernos e sonhos: minha travessia pela educação**
Paulo Cezar Santos de Souza
- 153 **De menina a professora: entre sonhos, tropeços e flores**
Rafaela Canez Camargo Bernardy
- 157 **Professora: mais que amor à camiseta**
Roselaine Lima
- 161 **Nasceu para ser professora...**
Siara Marroni Nietiedt
- 167 **Memórias e reflexões sobre a constituição da docência**
Simone Santos de Albuquerque
- 171 **Não desista até orgulhar-se de você**
Tais Ferreira Braga
- 175 **Ilustração e Organização: dados biográficos**

BRINCADEIRA É COISA SÉRIA!

PATRÍCIA LESSA

“Eu vi um menino correndo, eu vi o tempo / Brincando ao redor do caminho daquele menino / Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei / O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei / Eu vi a mulher preparando outra pessoa / O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga / A vida é amiga da arte, é a parte que o sol me ensinou / O sol que atravessa essa estrada que nunca passou”. (Força estranha, de Caetano Veloso).

A belíssima letra de Caetano Veloso retrata a passagem do tempo. O tempo brinca ao transitar pela infância, que corre veloz ante a fragilidade da vida. “A vida é amiga da arte”, embora efêmera, a vida é eternizada na arte. A brincadeira do tempo “ao redor do caminho daquele menino” é uma doce cena da infância. O brincar, a brincadeira e os brinquedos, com certeza, não são exclusividade das crianças. Em todas as idades as facetas do brincar estão presentes. Mas, na infância ela se confunde com o conhecimento, com a forma de estar no mundo e de interagir com ele.

Ser criança, é diferente de ser adulto, vejamos bem, diferente não inferior. Ao longo da história, a criança foi tratada como ser inferior ou até apagada dos registros e da memória social. A adultização, nesta fase da vida, é o arrimo que sustenta o ideário da idade adulta como mais importante que as demais fases da existência humana. Infância, juventude e envelhecimento seriam de menor valia para o capitalismo e para o produtivismo? Para Clarice Lispector trata-se de outra questão. Ela pergunta: “Como adulto terei a coragem infantil de me perder?”. Podemos indagar com a escritora: perdemos, na idade adulta a coragem de brincar? Perdemos a coragem de inventar outros mundos? Nos contentamos com “ter” acima do “criar”?

Hoje está havendo uma revolução urdida por crianças. De uma ausência da infância na história, vemos emergir movimentos de grande alcance social idealizados por crianças e jovens. Nunca houve nada parecido no passado. As crianças estão lutando para salvar o mundo que os adultos destroem continuamente em busca de lucro. Muito ainda será estudado sobre esse fenômeno contemporâneo. Para tal propósito, é preciso entender o que as move, por exemplo, nesta declaração: “Como nossos líderes comportam-se como crianças, nós teremos que assumir a responsabilidade que eles deveriam ter assumido há muito tempo atrás”, afirmou a sueca Greta Thunberg, durante a Cúpula do Clima, realizada na Polônia em dezembro de 2018. Ela luta para salvar o planeta e tornou-se exemplo para muita “gente grande”.

Através das análises de Bernard Charlot e de Philippe Ariés, podemos identificar as concepções de infância mais gerais que se difundiram em diferentes períodos e sociedades. Mas, deixemos que os próprios filósofos tomem a palavra, através da voz de Bernard Charlot: "Enganamo-nos por que fomos crianças antes de sermos homens". Rousseau: "A infância é, por excelência, o período em que germinam o erro e o vício". Aristóteles: "Durante a infância não possuímos a faculdade de decisão senão sob forma imperfeita". Platão: "A parte dominante da alma da criança é o desejo". Kant: "As crianças estão, por natureza, em estado de incapacidade, e os pais são os seus tutores naturais".

A Idade Média, para Ariés, caracterizou-se pela ausência do sentimento de infância, a partir de seu estudo iconográfico, ele mostrou que a representação da criança era quase sempre com feições de adulto. É mais provável que não houvesse lugar para a infância naquele mundo. Havia os camponeses cujas crianças cedo já trabalhavam, assim como, os filhos dos aristocratas representavam a transmissão do patrimônio familiar. Eram adultizados. Foi estudando a infância que tive as minhas primeiras experiências como educadora.

Desde criança, acompanhava o meu pai, Rogério Chagas dos Santos, nos atendimentos aos animais não humanos. Ele era veterinário e, como sabia que eu gostava dos bichinhos, me levava para fazer trilhas e identificar animais livres na natureza. Por isso, até a data do vestibular eu estive em dúvida sobre cursar Medicina Veterinária ou Educação Física. Uma fatalidade mudou meu destino! Em uma gélida noite de inverno, eu estava com meu pai na casa de minha madrinha, sua irmã primogênita. Tendo em vista que iria viajar na manhã seguinte, fora se despedir. Na volta para casa, ele estacionou em frente a um consultório veterinário e, ali, me explicou sobre a vivisseção, sobre como eram brutais os maus-tratos aos animais tanto na sala de aula quanto nos laboratórios científicos. Considerando meu envolvimento com os esportes desde tenra idade, sugeriu que eu fizesse vestibular para Educação Física.

Na manhã seguinte, chegou a notícia de que ele havia sido morto por um motorista de caminhão que trafegava na contramão. Uma longa noite gelada se fez dia! Meu mundo desabou, ele era minha maior referência de amor, empatia, profissionalismo, ética, religiosidade, dedicação. Partiu cedo, meu pai, mas deixou um legado. Seus ensinamentos, o conselho para mudar de rota e duas crianças: Teno, que havia feito um ano de idade há quatro meses e Kena, que nasceu no mês seguinte à passagem de nosso amado pai. Um pai presente, uma raridade, um presente de pai! Foi ele que me moveu para a trajetória pela docência.

Kena e Teno, apelidos carinhosos de meus irmãos, foram bálsamos naquele tempo de dor e lágrimas; foram inspiração para minhas primeiras aventuras pedagógicas na Educação Física. Com a duplinha, passei a criar histórias, brincadeiras, aventuras, mas, também, comecei a observar e aprender sobre a infância dentro de casa. À medida que eles cresciam, eu desenvolvia estudos, pesquisas, trabalhos na extensão universitária e na docência, aprendendo e ensinando em um mesmo movimento.

Minha entrada na escola como educadora foi através de um estágio remunerado via contrato com a Secretaria de Educação de Pelotas. Foi uma experiência desenvolvida na Educação Infantil do Colégio Municipal Getúlio Vargas. Em muitas ocasiões, eu levava a Keninha para a escola comigo. A ida era uma aventura, ela era pequenina, eu a passava por cima da catraca e íamos brincando e nos divertindo para o meu trabalho. As coisas estavam muito difíceis em casa, eu precisava ajudar a nossa mãe, uma jovem viúva com dois adolescentes e duas crianças.

O Núcleo Habitacional Getúlio Vargas fica na periferia da cidade. Era um local de crianças carentes, marcadas pela diferença de classe; muitas diziam que estavam na escola para terem uma refeição. Eu fui muito bem recebida pela criança. Poucas pessoas da Educação Física permaneciam ali: não havia uma quadra desportiva e nenhum material adequado para as aulas, como tinha aprendido ser necessário na Universidade. Ali foi uma escola, também para mim, pois aprendi a improvisar.

Me lembro, até hoje, da Marcinha, uma criança com problemas de dicção que estava retida na primeira série. Eu consegui conversar com a mãe dela e com a diretora, que aceitaram a proposta de permitir que ela ficasse comigo no contraturno para trabalhar algumas leituras e melhorar sua escrita. Naquela época, eu estava concluindo a Educação Física e fazia disciplinas no curso de Pedagogia com a Doutora Cristina Rosa, com quem aprendi muito e pude ajudar a Marcinha. Ela e a Kena brincavam juntas.

Na mesma época, fui estagiária em um Assentamento do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST) organizado em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Na Fazenda da Palma, eu escrevi e concretizei o meu primeiro projeto de extensão para criar uma pré-escola rural. Mesmo nas madrugadas geladas eu pegava o ônibus da UFPEL para passar o dia com as crianças do MST. As crianças no meio rural, nas florestas onde vivem os povos originários e nos quilombos remanescentes merecem mais atenção dos governantes.

A dificuldade de acesso à educação é uma questão que remete ao sexismo, ao racismo e ao classismo. Uma das barreiras é o não acesso a escolas e falta de apoio do Estado. Há casos mais graves nos quais o Estado proíbe as

meninas de estudar; foi o que ocorreu com Malala Yousafzai – menina que nasceu no Paquistão, em 1997 e, atualmente, vive na Inglaterra. Aos 13 anos, Malala alcançou notoriedade ao escrever para um blog explicando sua vida sob o regime do Tehrik-i-Taliban Pakistan (talibã paquistanês). O regime fechou escolas públicas e proibiu a educação de meninas entre 2003 e 2009. Diante de tantos desafios, tornou-se um símbolo da luta das meninas pela educação.

Trabalhando com crianças e estudando sobre a infância, eu entendi que brincadeira é coisa séria. Hoje eu defendo que a educação infantil deveria ser melhor remunerada e tratada com o máximo respeito, afinal, é na infância que se forma a base da construção cognitiva, ética, afetiva, emocional, entre outras habilidades. Como disse Malala: “uma criança, uma educadora, um educador, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”. O conhecimento liberta, já dizia Paulo Freire!

ILUSTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO: DADOS BIOGRÁFICOS

Raquel Casanova dos Santos Wrege

Arte-educadora, ilustradora e apaixonada por livros, Raquel é Graduada em Artes Visuais e Pedagogia. Mestra em Educação Estética, desenvolve atividades como docente em escolas há sete anos, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Ilustrar é um sonho que a acompanha desde a infância e que ganhou vida entre cores, formas e histórias, no compasso da rotina escolar. Entre seus trabalhos publicados se destaca a concepção Ilustrativa de “Contos de infâncias”, e-book publicado em 2017 que conta com a escrita de vários autores e está registrado sob o ISBN: 978-65-00-26345-9. A aquarela na capa de “Escritas Biográficas: professoras e professores” é de autoria de Raquel que, tendo a Biblioteca Pública Pelotense como “resguardo”, dedicou-se a inventar rostos que, juntos, indicam os sonhos dos docentes envolvidos na obra.

Cristina Maria Rosa

Pesquisadora no campo da leitura literária, é Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Em profícua imersão no estágio pós-doutoral realizado na Faculdade de Educação da UFMG entre 2010 e 2011, organizou *Das leituras ao letramento literário: 1979-1999*, uma coletânea de artigos de Graça Paulino que registra a autoria da expressão *letramento literário*. Fruto dos estudos orientados, em 2013 publicou *Onde está Meu ABC, de Erico Verissimo? Notas sobre um livro desaparecido*, revelando um raro legado do escritor gaúcho. A partir de descobertas na pesquisa intitulada “Direitos das crianças em obras literárias: um estudo nos acervos da UFRGS e UFSC” (2023), compôs um catálogo com livros imprescindíveis para à *alfabetização literária* – processo deliberado de acesso à arte como direito inalienável. Docente na FaE/UFPel entre 1993 e 2024, atuou na Pedagogia, na Especialização em Educação e nas Licenciaturas de Artes, Ciências Sociais, Filosofia, Física, Geografia e Letras. Neste tempo, seu projeto pedagógico buscou inserir, manter e aprimorar relações de pertencimento de estudantes ao universo da leitura. Quando na Universidade Aberta a Pessoas Idosas (2018 a 2024), desenvolveu instigante processo de alfabetização literária para pessoas 60+. Atualmente, dirige a *Piccola Casa Editrice.br* que prioriza publicações singelas.



Fontes: Copperplate Gothic Light e Calibri light

Impressão: Gráfica Bento.

Bento Gonçalves – RS.

51ª Feira do Livro de Pelotas- 2025